



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas  
Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

INICIAÇÃO CIENTÍFICA

## **Economia Política Clássica: um estudo sobre a impossibilidade de crises em Adam Smith e David Ricardo**

*Classical Political Economy: a study on the impossibility of crises in Adam Smith and David Ricardo*

Gabriel Alves dos Santos Silva; UFVJM; gabriel.alvess-03@outlook.com

Resumo: O presente trabalho tem a finalidade de fazer um estudo sobre a impossibilidade de crises na Economia Política clássica de Adam Smith e David Ricardo. A análise do objeto de investigação perpassa por dois fundamentos teóricos absorvidos pelos economistas clássicos: a Teoria Quantitativa da Moeda de David Hume e a lei de Say. Dessa maneira, mostraremos como esses autores analisaram as trocas de mercadorias no mercado e a relação com o fluxo de moedas metálicas. Em Smith, através das categorias valor de troca, preço natural e preço de mercado, é exposto como o autor postula a dinâmica do mercado que possibilita o ajuste entre oferta e demanda. Em seguida, mostraremos como Ricardo analisa a impossibilidade de uma crise de superprodução generalizada de mercadorias tendo como base teórica a lei de Say.

Palavras-chave: Economia Política Clássica, Capitalismo, Crises.

Abstract: The present work aims to make a study on the impossibility of crises in the classical political economy of Adam Smith and David Ricardo. The analysis of the object of investigation runs through two theoretical foundations absorbed by classical economists: David Hume's Quantity Theory of Money and Say's law. Thus, we will show how these authors analyzed the exchanges of goods in the market and the relationship with the flow of coins. In Smith, through the categories exchange value, natural price and market price, is exposed as the author postulates the dynamics of the market that allows the adjustment between supply and demand. Next, we will show how Ricardo analyzes the impossibility of a crisis of generalized overproduction of commodities based on Say's law.

Keywords: Classical Political Economy, Capitalism, Crisis.



## Resultados e Discussões

Adam Smith (1723-1790) salienta que à medida que a divisão do trabalho se generaliza na sociedade os indivíduos passam a viver menos do produto do seu próprio trabalho e passam a viver através do produto do trabalho alheio. A divisão do trabalho resulta na interdependência entre os indivíduos que passam a depender do mercado para sobreviver. Vivem através da troca.

A análise de Smith perpassa aquilo que ele chama de “estágio antigo e primitivo” que é anterior à acumulação de capital e a propriedade privada. Os indivíduos vivem independentemente do próprio produto do trabalho. À medida que os indivíduos se especializam em ofícios específicos (caça, pesca, etc.) permutam os excedentes de suas produções.

As trocas, nesse momento, são efetuadas diretamente: produtos são trocados por produtos. A troca direta de produtos implica que compra e venda sejam atos simultâneos e portando, vendedores são ao mesmo tempo compradores. O escambo de mercadorias implica que haja coincidência nas trocas, o valor de uso de cada mercadoria tem que corresponder com as necessidades dos compradores. Caso uma das mercadorias não corresponda com a necessidade de uma das partes que estão efetuando a troca, o processo não será realizado. Com o desenvolvimento da divisão do trabalho, essas operações vão se tornando cada vez mais complexas de serem realizadas.

Nesse caso, Smith mostra que há a necessidade que exista uma mercadoria intermediária que dificilmente alguém não a aceitaria no ato da troca, ou seja, a mercadoria dinheiro. Nesse sentido, o dinheiro é introduzido como meio de troca para resolver as dificuldades desenvolvidas pela divisão do trabalho. Diversas mercadorias exerceram a função como meio de troca (por exemplo: sal, gado, etc).

Porém, conforme o autor, os metais são aderidos como intermediário da troca devido as suas propriedades físicas, ou seja, podem conservar o valor, sem que a mercadoria pereça; os metais podem ser divididos e recuperados.

Smith analisa o fundamento do valor de troca entre mercadorias, ou seja, a real medida pela qual as mercadorias são permutadas. Para o autor a categoria valor possui dois significados: valor de uso e valor de troca. O primeiro indica a utilidade do objeto,



enquanto o segundo mostra o poder de compra de uma mercadoria em relação as outras. (SMITH, 1996). Smith perscruta a determinação do valor de troca aderindo ao trabalho. Uma mercadoria encerra determinada quantidade de trabalho para ser produzida e as mercadorias são trocadas por iguais quantidades de trabalho. A mercadoria também tem condições de comprar ou comandar certa quantidade de trabalho equivalente ao trabalho despendido em sua produção. Essa é uma dualidade existente na sua formulação teórica da teoria do valor-trabalho.

Porém o autor expõe que é “mais natural estimar o seu valor de troca pela quantidade de alguma outra mercadoria [...]” (SMITH, 1996, p. 88). Smith incorpora em sua postulação teórica a Teoria Quantitativa da Moeda de David Hume em que o dinheiro é o representante das mercadorias e a sua função é restrita como mero intermediário nas operações entre compra e venda. Nesse sentido, a quantidade de moedas colocadas em circulação está na proporção direta com a quantidade de mercadorias no mercado. O valor das mercadorias é avaliado conforme a quantidade de dinheiro que são trocadas (SMITH, 1996). Conforme Smith, o valor de troca real da mercadoria é o trabalho e o seu valor de troca nominal é avaliado pela quantidade de dinheiro. Hume também mostra em sua postulação teórica que as trocas de mercadorias entre nações e o fluxo de moedas metálicas decorrente das exportações e importações permitem que as operações entre compra e venda cheguem ao equilíbrio.

O fato é que Smith, bem como Hume, observavam o fenômeno das trocas das mercadorias como de fato aparece. O dinheiro aparece como meio de circulação e como medida do valor de troca da mercadoria. As mercadorias deixam de ser permutadas e o dinheiro passa a ser um “instrumento comum” que auxilia nas negociações. Nesse caso, a mercadoria é levada ao mercado para ser trocada por dinheiro e em seguida esse dinheiro é convertido em outra mercadoria, uma circulação simples de mercadorias (M-D-M).

O dinheiro é o instrumento do comércio que faz circular as mercadorias das mãos do vendedor para o comprador. Nas próprias palavras de Smith, ele expõe que “A única utilidade do dinheiro é fazer circular bens de consumo.” (SMITH, 1996, p. 341).

O autor não necessariamente explica a natureza do dinheiro e suas implicações, mas capta as operações de troca na dimensão da aparência: troca-se mercadoria por



dinheiro e dinheiro por mercadoria. Sem mencionar a capacidade de o dinheiro servir como entesouramento que possibilita a dissociação entre compra e venda.

Smith formula como funciona o dinamismo do mercado, isto é, a relação entre oferta e demanda. Sua postulação teórica abstrai qualquer possibilidade de haver excesso de mercadorias no mercado em relação a demanda e, portanto, uma crise de superprodução generalizada. O mercado possui mecanismos de ajustes que possibilitam que a oferta e a demanda sempre tendem ao equilíbrio, uma força endógena que une a quantidade de mercadorias ofertadas com a quantidade de mercadorias demandadas.

O valor de troca postulado por Smith anteriormente aderindo ao trabalho, muda de formulação. O “preço” ou o “valor de troca” das mercadorias são decompostas em taxas naturais das rendas. Em outras palavras, o que compõe o preço da mercadoria é o somatório da taxa natural do lucro, da taxa natural do salário e a taxa natural da renda da terra. As fontes do valor de troca tornam-se a soma das rendas.

As taxas naturais mencionadas pelo autor são as médias das remunerações que comumente se recebe em uma determinada sociedade que, por sua vez, são “reguladas naturalmente” dado as circunstâncias de cada localidade (SMITH, 1996). Nesse caso, o preço da mercadoria tem que ser o suficiente para remunerar os fatores de produção. Esse preço é o que Smith chama de preço natural, o que é o suficiente para colocar a mercadoria no mercado. Natural porque a livre dinâmica do mercado “naturalmente” tende a estabelecer uma média dessas remunerações.

No entanto, o preço que efetivamente essa mercadoria é vendida é chamada de preço de mercado. Esse preço, por sua vez, é regulado pela oferta e demanda. A demanda que coincide com o preço natural é à demanda efetiva, ou seja, aquela demanda que os consumidores estão dispostos a pagar pelo preço natural. Demanda efetiva é a demanda que efetivamente será realizada devido o poder de compra dos consumidores. Nesse caso, se há excesso de oferta em relação à demanda efetiva, os preços dessas mercadorias deverão baixar para serem absorvidas por aquelas pessoas que desejariam obter aquela mercadoria por um preço mais baixo.

O mesmo ocorre se há escassez de mercadorias no mercado. Uma vez que a oferta de mercadorias é menor que a demanda efetiva, conseqüentemente os



consumidores estarão dispostos a adquirir a mercadoria por um preço maior. Até chegar ao equilíbrio.

A quantidade ofertada tende a igualar-se à demanda efetiva. O preço de mercado oscila ao redor do preço natural. Como uma força gravitacional, a tendência é que esses dois preços se igualem. Portanto, a força do mercado, sem influência externa, corrige os desvios entre quantidade ofertada e quantidade demandada: “É dessa maneira que naturalmente todos os recursos anualmente empregados para colocar uma mercadoria no mercado se ajustam à demanda efetiva.” (SMITH, 1996, p. 112).

A força por trás desse equilíbrio, conforme Smith, é que quando a oferta ultrapassa a demanda efetiva e o preço de mercado fica abaixo do preço natural, essa contração nos preços atinge o interesse de um dos fatores de produção (capitalistas, proprietários de terra e trabalhadores). Isso implica na locação desses fatores de produção para outra atividade econômica que o remunere com um preço maior. Analogamente o inverso. Quando a oferta está abaixo da demanda efetiva e preço de mercado está acima do preço natural, atrai mais indivíduos para aplicar capital, para trocar de empregos, uma vez que o aumento do preço implica no aumento das remunerações dos fatores de produção. Até que supre a demanda efetiva e chegue ao equilíbrio. Dessa forma, o livre mercado proporciona a migração dos fatores de produção e a concorrência o que resulta, por sua vez, no equilíbrio de mercado.

Smith não trata de crises em sua postulação teórica. Os mecanismos do mercado ajustam as desproporções entre quantidades de mercadorias ofertadas e demandadas. O autor observa a correção desses desajustes pelas oscilações dos preços. O aumento das moedas em circulação é dado pelo aumento da produção anual de uma nação, isto é, o efeito de sua opulência. Abstrai qualquer possibilidade de uma crise de superprodução generalizada.

David Ricardo (1772-1823) em sua teoria do valor-trabalho rompe com a teoria do valor-trabalho de Adam Smith no que se refere a dualidade. A via pela qual Ricardo adere a fonte do valor de troca da mercadoria é a quantidade de trabalho necessário à sua produção, uma vez que o salário do trabalhador não é equivalente ao que ele produz. O valor de troca o autor também chama de preço natural. Não obstante a oferta de mercadorias não necessariamente sempre coincidir com a demanda dos consumidores, o



preço de mercado sempre se ajusta ao preço natural. O preço de mercado oscila na medida em que há desproporção entre a quantidade de mercadorias ofertadas e demandadas, todavia Ricardo afirma que esse desvio do preço da mercadoria em relação ao seu preço natural ocorre de modo temporário. (RICARDO, 1982).

Se o preço de uma determinada mercadoria subir em relação ao seu preço natural resultante do aumento de sua demanda em relação a oferta não permanecerá por muito tempo a esse preço, pois o “desejo” dos capitalistas é empregar os seus fundos em empreendimentos mais lucrativos, pressupondo a livre concorrência, os capitais serão migrados a fim de se apropriar do aumento do lucro. Essa migração de emprego e de capital tem como efeito tender o preço de mercado ao preço natural.

O capital é empregado em dado setor produtivo na proporção de sua procura. Esse movimento tende a igualar as taxas médias de lucro e equilibrar a quantidade de mercadoria que é ofertada e demandada. O valor relativo das mercadorias, isto é, a relação proporcional que as mercadorias são trocadas é dada pela quantidade de trabalho necessária à sua produção, varia conforme a quantidade de trabalho. O preço da mercadoria se desvia do seu preço natural pela desproporção entre oferta e demanda, mas é corrigida pelo próprio mercado tendendo ao seu preço natural.

Ricardo incorporou em sua teoria econômica a lei dos mercados postulada pelo economista francês Jean Baptiste Say (1768 - 1848). Segundo esse axioma, a produção tem a capacidade de criar mercados para outros produtos. A renda gerada na produção é integralmente convertida na compra de bens de consumo, isso implica, por sua vez, que a mercadoria acabada — ao realizar a sua venda no mercado — gera um poder de compra, isto é, uma demanda, semelhante à sua própria produção.

O raciocínio da oferta sempre encontrar uma demanda permite que Ricardo afirme que não há possibilidades de haver crises de superprodução generalizada de mercadorias. Os pressupostos desenvolvidos pelo autor na defesa das impossibilidades de crises de superprodução são os mesmos elaborados por Say. Pressupõe que os produtos são trocados por produtos, coloca a finalidade da produção como a satisfação das necessidades, o dinheiro é utilizado meramente como meio de troca, apenas facilita a efetivação do ato de compra e venda.



Ricardo enfatiza que o intuito da produção é o consumo ou a venda. Nesse caso, o objetivo da produção é o consumo das mercadorias, pois se produz com a intenção em vender e simultaneamente efetuar a compra por outras mercadorias. Nesse sentido, o autor narra uma circulação simples de mercadorias, M-D-M, vende-se a mercadoria e com o montante de dinheiro recebido simultaneamente utiliza para a compra de outra mercadoria.

Em sua exposição teórica, abstrai a possibilidade de o dinheiro servir como reserva de valor e une o ato de compra e venda de modo que a ação de um implica a outra, ou seja, o produtor, ao vender a sua mercadoria, gasta simultaneamente o dinheiro recebido em outra mercadoria. “Ninguém produz a não ser para consumir ou vender, e jamais se efetua uma venda a não ser com a intenção de comprar qualquer outra mercadoria [...]” (RICARDO, 1982, p.197). Observe que compra e venda tornam-se unidades inseparáveis, conforme a exposição, a finalidade da produção sumariza-se ao consumo imediato, o produtor vende a mercadoria com a intenção de comprar outra mercadoria. O dinheiro serve apenas para intermediar esse processo, unindo os dois atos: compra e venda.

Conforme o autor, à medida em que as pessoas tenham “desejo por satisfazer” haverá sempre uma demanda pela qual se pode empregar o capital. A demanda, nesse caso, é restringida pela própria produção. A demanda é efetivada na medida em que tiver oferta para que os indivíduos convertam as suas rendas na compra de mercadorias. Nesse sentido, o mercado cresce de modo proporcional à produção. A análise teórica de Ricardo introduzindo pressupostos da lei dos mercados afirma a impossibilidade de crises generalizadas de produção, uma vez que a oferta sempre encontrará uma procura, como unidades inseparáveis.

Ricardo afirma que em certos setores de produção pode haver excesso de produção em relação à procura, entretanto não se generaliza para todas as mercadorias. Say em sua defesa da impossibilidade de excesso de oferta de mercadorias no mercado, defende que uma vez que produtos são trocados por produtos, esse excesso é o resultado da falta de produção em outros setores. Produziu-se demais porque produziu menos em outros setores de produção. Esses autores ao dizer que produtos são trocados por produtos pressupõem que compra e venda sempre vão coincidir, uma vez que o dinheiro



somente intermedia a troca e não leva em consideração a possibilidade de o dinheiro adquirido no ato da venda não ser gasto de imediato.

Na teoria da distribuição ricardiana, o salário é inversamente proporcional ao lucro do capitalista. A determinação do salário é de acordo com o nível de subsistência do trabalhador, isto é, o valor do trabalho é igual a quantidade de trabalho necessária para se produzir as mercadorias que entram em seu consumo pessoal. Portanto o salário está na proporção direta dos valores dessas mercadorias. Nesse sentido, a queda do lucro está relacionada com o aumento dos salários resultante do aumento dos valores dos alimentos que entram no consumo dos trabalhadores. Haverá sempre motivos para a acumulação contínua de capital na medida em que os baixos preços dos mantimentos mantiverem os salários baixos e uma taxa de lucro alta. Ricardo enfatiza ser esse o único motivo para que haja uma contração na acumulação de capital, pois sempre haverá uma demanda pela qual o capital possa ser empregado produtivamente, devido aos desejos ilimitados dos consumidores (RICARDO, 1982).

Para Ricardo, ao produzir mercadorias, o indivíduo passa a ser “consumidor de seus próprios produtos”. O produtor é simultaneamente consumidor. Nesse caso, o mesmo valeria se produzisse para si mesmo ou se o valor da mercadoria realizado no ato de compra e venda fosse utilizado na compra do produto de outro produtor. Se o valor gerado na produção é totalmente gasto no consumo, para Ricardo será semelhante à troca de produtos por produtos. O valor da mercadoria é proporcional a sua própria demanda ou o valor gerado é capaz de absorver a própria mercadoria. Na realidade, o erro de Ricardo nessa afirmação consiste no fato de que a mercadoria produzida não tem a finalidade de ser consumida pelo produtor, mas ser vendida no mercado.

Dessa maneira, não há possibilidades que o mercado fique repleto de mercadorias que não possam ser vendidas. Haverá sempre uma unidade entre compra e venda, oferta e demanda ou produção e consumo. O dinheiro é meramente o meio pelo qual faz circular as mercadorias.

## **Conclusão**





A Economia Política clássica não concebe a possibilidade de crises de superprodução generalizada de mercadorias. A postulação da teoria do dinheiro em Smith, fundamentada na Teoria Quantitativa da Moeda de Hume, mostra o dinheiro como representantes dessas mercadorias sendo o instrumento pela qual são trocadas. A função do dinheiro é limitada como meio de circulação e medida de valor. Embora o fundamento do valor de troca das mercadorias seja o trabalho, Smith deixa claro que o valor de troca é avaliado pela quantidade de moedas metálicas que as mercadorias podem ser trocadas. Dessa maneira, o dinheiro passa a ser, por sua vez, o valor nominal das mercadorias, de modo que há homogeneidade entre preço, valor de troca e quantidade de moedas. O dinheiro como intermediário da troca entre as mercadorias, auxilia a passagem das mercadorias das mãos do vendedor para o comprador sem que haja dissociação entre essas duas operações.

Smith elabora o mecanismo de auto ajuste do mercado. O preço natural das mercadorias que são compostas pelas taxas naturais das rendas torna-se o centro pelo qual o preço de mercado oscila ora abaixo ora acima. O excedente da produção, pelas forças do mercado, é ajustado à demanda efetiva. De modo que a produção gerada sempre encontrará uma demanda, pois se a oferta de mercadorias exceder a demanda efetiva, os preços das mercadorias serão reduzidos introduzindo consumidores no mercado dispostos a pagar por esses preços até que supre a demanda efetiva. A dinâmica própria do mercado, faz com que a quantidade de mercadorias ofertadas que ultrapassou a demanda efetiva, se ajuste a quantidade demandada. Preço de mercado se iguala ao preço natural e as mercadorias em excesso são absorvidas pela demanda. O autor não chegou a tratar especificamente de crises. Sua obra *A Riqueza das Nações* tinha a finalidade de mostrar o desenvolvimento da riqueza através da produtividade do trabalho e do aumento do contingente de mão de obra assalariada caracterizado como trabalho produtivo.

Ricardo também mostra que os mecanismos de ajuste do mercado sempre tende o preço de mercado ao preço natural das mercadorias. Não obstante os preços oscilarem decorrente da oferta e demanda, esses desvios são temporários. A concorrência e a livre migração de capitais ajustam o preço de mercado ao preço natural das mercadorias equilibrando, por conseguinte, a oferta e demanda.



Ricardo enuncia a impossibilidade de crises generalizadas. Sendo o dinheiro utilizado meramente como meio de troca, o autor pressupõe que produtos são trocados por produtos. Dessa forma, a partir da lei dos mercados, mostra que o aumento da produção é acompanhado simultaneamente com o aumento da demanda, os produtores são simultaneamente consumidores. O intuito da produção é o consumo imediato.

Para esses autores, a produção de mercadorias sempre encontrará uma demanda. De modo que não há possibilidade que mercadorias não sejam vendidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTHMAR, R. **Especulação e Crises Comerciais na Teoria Clássica**. Rio de Janeiro: Revista de Economia Contemporânea, 2005.

HUME, D. **Escritos sobre economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

HERRERA, A.R. **La Ley de Say: debate sobre el origen de la crises**. Madri: Maia Ediciones, 2012.

MIGLIOLI, J. **Acumulação de Capital e Demanda Efetiva**. 1979. Tese (livre-docência) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1979.

NAPOLEONI, C. **Smith, Ricardo, Marx**. 8ª. Edição. São Paulo: Paz e Terra. 2000.

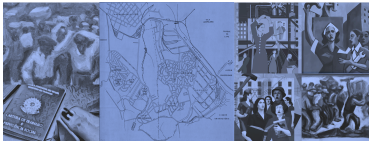
RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

RUBIN, I.I. **História do Pensamento Econômico**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014

SAY, J.B. **Tratado de Economia Política**. São Paulo: Abril Cultura, 1983.

SÁ BARRETO. **De Smith a Marx: curso introdutório em dez aulas**. São Paulo: Usina Editorial. 2021

SCREPANTI, E. & ZAMAGNI, S. **On the Outline of the History of Economic Thought**. Oxford: Oxford University Press. 2005.



XV Congresso Brasileiro de História  
Econômica & 16ª Conferência  
Internacional de História de Empresas

Osasco, 02 a 04 de outubro de 2023



ASSOCIAÇÃO  
BRASILEIRA DE  
PESQUISADORES  
EM HISTÓRIA  
ECONÔMICA

**SMITH, A. A Riqueza das Nações – Investigação sobre sua natureza e suas causas. Vol. 1.** São Paulo: abril Cultural, 1996.